

O ENTREMEZ DO VELHO CIUMENTO (Miguel de Cervantes Saavedra)

Tradução de Daniele da Silva Proença e Andrea Cristiane Kahmann. Revisão de tradução, prólogo e notas de Fabio Bortolazzo Pinto.

As relações amorosas entre velhos e moças são um tema recorrente na literatura popular ocidental. Da *Farsa do velho da horta* (1512), de Gil Vicente, a *Capim novo* (1976), de Luiz Gonzaga, a história do homem idoso que se encanta pela menina ‘na flor da idade’ é cantada em prosa e verso, constituindo um verdadeiro *topoi* literário.

Para além do contexto da arte, os compêndios de Medicina Legal, ainda hoje, apresentam a gerontofilia ou crono-inversão, uma ‘psicopatologia da sexualidade’ que consiste no caráter mórbido da atração entre pessoas de idades muito diferentes. Preconceitos arcaicos à parte, não é como desvio psicológico que o tema é geralmente incorporado à literatura, mas como um traço comportamental, prática socialmente questionável. E é como crítica de costumes que se pode entender o *Entremez do velho ciumento*, de Miguel de Cervantes.

Autor de apelo popular — sem ser popularesco — Cervantes escrevia para ser lido, o que se pode perceber pela linguagem utilizada em toda sua obra. É um dos motivos do sucesso de *Dom Quixote* (1605, primeira parte; e 1615, a segunda), até hoje. A coloquialidade do castelhano registrado por Cervantes, não por acaso, tornou-se um modelo, uma referência para a língua espanhola, da mesma forma que a portuguesa alcança um padrão mais ou menos estabelecido a partir do texto de Camões. Não se trata de estabelecer regras para a língua, mas de incorporar a ela os termos de uso efetivo. O registro coloquial da língua espanhola é imprescindível no caso de *Ocho comedias y ocho entremeses nuevos*, nunca representados (1615), onde encontramos o esquete estrelado pelo ciumentíssimo Cañizares e sua esposa, Dona Lorenza.

Os entremezes são pequenos textos teatrais, escritos para serem representados nos intervalos de peças longas, como uma espécie de ‘respiro’ entre os atos. E, como tais, devem ser rapidamente compreendidos, a fim de surtir o efeito desejado: o riso do público. O que para o leitor contemporâneo talvez soe como ‘difícil’ era, à época, o que havia de mais acessível em matéria de linguagem. Daí uma das primeiras dificuldades na tradução de Cervantes, como de vários outros autores cronologicamente distantes: a adaptação do registro que um dia foi coloquial para outro tipo de coloquialidade. Em outras palavras, manter a espontaneidade do texto sem perder de vista a época em que foi escrito e a importância de manter as referências a seu momento histórico.

Para esta tradução, optou-se por manter as referências ao contexto histórico e explicá-las em notas de rodapé. Há modificações do vocabulário e da estrutura sintática que não acarretam em perda do sentido ou desrespeito ao que se entende como ‘estilo’ do autor.

Miguel de Cervantes foi o primeiro a assumir que um entremez era de sua autoria. Nunca teve constrangimento em, como já ficou dito, escrever para ser lido. Ou encenado, no caso do texto aqui apresentado. Além da linguagem, também os personagens são ‘tipos’ sociais bastante conhecidos do público, seja do início do século XVI, seja, salvo engano, em nossos dias. Além do velho ciumento, temos a alcoviteira, o rufião, a menina de língua solta, o compadre, todos compondo a sátira breve, com traços de caricatura, duplo sentido e ambiguidade, sempre mantendo certo desencanto e crítica ferina aos costumes. Como afirma Alonso Zamora Vicente em sua *Presentación a los Entremeses de Miguel de Cervantes*, “la viveza de los diálogos, la acritud y ambivalencia de ciertas situaciones, hacen de este entremés una deliciosa obra maestra, donde Cervantes pone de manifiesto la torpeza social de los matrimonios entre personas de muy distinta edad”.

Em termos contemporâneos, talvez a abordagem do tema pareça um tanto preconceituosa. Para apreciá-la, é necessário ter em mente o contexto histórico e perceber que, no fim das contas, mais que condenar a diferença de idade, é a certos traços comportamentais socialmente configurados — como o interesse econômico e o adultério —, que Cervantes se refere criticamente no Entremés, com toda a malícia e ambiguidade que só a melhor sátira pode proporcionar.

Entremez do Velho Ciumento

O Entremés: *Del Viejo Celoso*, considerado fonte para esta tradução, está disponível em:
<http://cervantes.uah.es/teatro/Entremes/entre_8.html> Acesso em: 15 jan. 2018.

Entram Dona Lorenza com Cristina, sua criada,
e Hortigosa, sua vizinha.

Dona Lorenza — Que milagre foi este, de ele não ter dado a volta na chave! Ai, minha dor, meu peso e meu desespero... Este é o primeiro dia, depois de que me casei, que falo com uma pessoa de fora desta casa. Que morram ele e quem com ele me casou!

Hortigosa — Vamos, minha senhora, não se queixe tanto; pois, com uma caldeira velha, compra-se outra nova³⁹.

Dona Lorenza — E, ainda, com esses e outros vilancetes⁴⁰ e provérbios me enganaram. Malditos sejam seus dinheiros; malditas as suas joias, seus luxos, e maldito seja tudo o quanto me dá e me promete! De que me serve tudo isso se, na metade da riqueza, estou pobre e, no meio da abundância, com fome?

³⁹ “Com uma caldeira velha, compra-se uma nova”: no contexto, a ‘caldeira velha’ é o marido velho e suas riquezas; a ‘caldeira nova’, o amante, que se pode comprar com o dinheiro do velho. (FBP)

⁴⁰ Vilancete: poema popular composto de três versos, em redondilha maior, com *mote* (refrão) e, por vezes, de temática galante. (FBP)

Cristina — A verdade, senhora tia, é que tens razão. Preferiria eu andar com um trapo atrás e outro na frente e ter um marido jovem a me ver casada e enlodada com esse velho podre que tomaste por marido.

Dona Lorenza — Que eu tomei por marido, sobrinha? Este foi-me dado por quem pôde fazê-lo; e eu, mocinha, fui mais disposta a obedecer que a contradizer. Mas tivesse eu experiência nessas coisas, morderia a língua com os dentes antes de pronunciar aquele sim, que se pronuncia com três letras e faz sofrer por três mil anos. Mas imagino que não pudesse ser outro o meu destino... O que se faz por imposição, não há prevenção nem diligência humana que possa evitar.

Cristina — Ai, Jesus! Toda a noite é: “Dá aqui o urinol, pega o urinol; levanta, Cristininha, e aquece para mim uns panos que estou morrendo de dor no lado; consegue aqueles juncos, que sofro com as pedras”. Há mais pomadas e remédios no quarto do que em uma botica; e eu, que mal sei cuidar de mim, tenho que servir de enfermeira para ele. Tum, tum, tum, velho fraco, tão chato quanto ciumento, e é o mais ciumento do mundo!

Dona Lorenza — Minha sobrinha só disse verdades.

Cristina — Quisera Deus que eu nunca precisasse dizê-las!

Hortigosa — Agora, senhora Lorenza, vossa mercê faça o que eu lhe aconselho e verá que se sairá muito bem com minha ajuda. O moço é como uma jujuba verde⁴¹: quer bem, sabe calar e agradecer o que se faz por ele. E quanto aos ciúmes e ao recato do velho, eles não dão lugar a perguntas nem a respostas. Portanto, resolução e bom ânimo: que, pela ordem que demos, colocarei o galã em seu quarto e o tirarei, nem que o velho tenha mais olhos que Argos⁴², nem que sua vista alcance sete palmos abaixo da terra.

Dona Lorenza — Como sou iniciante, estou receosa, e não queria, a troco de um gosto, pôr em risco a honra.

⁴¹ Referência ao fruto da jujubeira, a jujuba, que quando está verde tem consistência mole, moldável, flexível. De acordo com Sebastián de Covarrubias (1539 — 1613), em seu *Tesoro de la lengua castellana o española* (1611), “Ginjas o ginjoles son lo mesmo que azufaifas [jujubas]... Los portugueses llaman a las guindas o cerezas por madurar ginjas. Tienen alguna semejanza las cerezas y las azufaifas en el color y forma, aunque no en el sabor; por desgaire [falta de cuidado], al que pide alguna cosa de fruta que no la hay en aquel tiempo, le suelen responder: mas ginjoles verdes. (...); y así dice otro proverbio, del que va gallardo y alegre, que va como un ginjol verde.”(FBP)

⁴² Argos Panoptes, na mitologia grega, é um gigante de cem olhos incumbido pela deusa Hera de tomar conta de Io, princesa e amante de Zeus transformada em novilha. (FBP)

Cristina — Isso me parece, senhora tia, um canto ao estilo de Gómez Arias⁴³: “Senhor Gómez Arias / tenha pena de mim / sou criança e menina / nunca estive assim”.

Dona Lorenza — Algum espírito mau deve falar por meio de ti, sobrinha, segundo as coisas que dizes.

Cristina — Eu não sei quem fala, mas sei que faria tudo o que a senhora Hortigosa disse, tal e qual.

Dona Lorenza — E a honra, sobrinha?

Cristina — E a diversão, tia?

Dona Lorenza — E se descobrem?

Cristina — E se não descobrem?

Dona Lorenza — E quem me garante que não descobrirão?

Hortigosa — Quem? O cuidado, a sagacidade, a perícia; e sobretudo, o bom ânimo e meus planos.

Cristina — Olha, senhora Hortigosa, traga-nos um galã limpo, desenvolvido, um pouco atrevido e, sobretudo, jovem.

Hortigosa — Todas essas qualidades tem aquele que propus, e outras duas mais: é rico e liberal.

Dona Lorenza — Não quero riquezas, senhora Hortigosa, pois me sobram joias e me deixam confusa as diferenças de cores dos meus muitos vestidos. Nem mesmo isso eu poderia desejar — que Deus dê saúde a Cañizares: tem-me mais vestida que um palmito, e com mais joias que um vitral de ourives rico. Se ele não me pregasse as janelas, não me encerrasse as portas, nem me procurasse a toda hora pela casa, se não me tirasse os gatos e os cachorros somente

⁴³ A referência mais conhecida à figura de Gómez Arias é *La niña de Gómez Arias* (1765), do poeta e dramaturgo espanhol Pedro Calderón de La Barca (1600 — 1681). O entremez, no entanto, é anterior ao texto de Calderón, e a referência ao personagem remonta, portanto, a outra fonte, provavelmente a *Crónica de Alfonso XI*. Gómez Arias aparece também em uma glosa de Sebastián de Horozco (1510 — 1580), em comédias de Vélez de Guevara (1579 — 1644) e em uma novela romântica de Joaquín Telesforo de Trueba y Cossío (1799 — 1835). De acordo com a *Crónica*, Gómez Arias foi alcaide da fortaleza de Benamejí, por volta de 1333. O alcaide teria seduzido e vendido uma menina — a ‘niña’ dos versos de Calderón — aos mouros que invadiram a fortaleza. A história de Arias e de sua desditada amante é também contada em versos da tradição oral espanhola e são de autoria desconhecida. (FBP)

porque têm nome de homem... Em troca de que não fizesse essas e outras coisas nunca vistas em matéria de recato, eu o perdoaria em suas dádivas e graças.

Hortigosa — É tão ciumento assim?

Dona Lorenza — Pois lhe digo que, noutro dia, ofereciam e ele uma tapeçaria a bom preço e, por ter figuras, não a quis e comprou outra de verduras⁴⁴ por um preço maior, embora não fosse tão boa. Há sete portas antes que se chegue ao meu quarto, fora a porta da rua, e todas se fecham com chave. E as chaves... não me foi possível averiguar onde ele as esconde de noite.

Cristina — Tia, creio que ele esconde a chave boca de lobo entre as dobras da camisa.

Dona Lorenza — Não, sobrinha, eu durmo com ele e jamais vi ou senti chave alguma.

Cristina — E tem mais: ele passa a noite toda andando pela casa como um duende, e se por acaso houver música na rua, ele atira pedradas para que se acabe. É um malvado, é um bruxo, é um velho — não tenho mais o que dizer.

Dona Lorenza — Senhora Hortigosa, vá embora antes que venha o resmungão e a encontre comigo, o que poria tudo a perder. E o que tem que fazer, faça logo, pois estou tão aborrecida que não me falta mais nada para colocar uma corda no pescoço e sair desta vida cruel.

Hortigosa — Quem sabe o que está por começar afaste esse pensamento sombrio e lhe traga outra vida, mais saudável e mais contente.

Cristina — Que assim seja, nem que me custe um dedo da mão. É que gosto muito da senhora, tia, e morro por vê-la tão pensativa e angustiada nas mãos desse velho, velho e mais que velho, e não me canso de lhe chamar de velho.

Dona Lorenza — A verdade é que ele te quer bem, Cristina.

Cristina — E por isso deixa de ser velho? E além do mais, sempre ouvi dizer que os velhos são amigos de meninas.

Hortigosa — Isso é verdade, Cristina, e terminando de comer, vou-me embora. E vossa mercê faça o que combinamos e verá como sairemos bem disso.

⁴⁴ Tapeçaria com imagens de *figuras* humanas que Cañizares trocou por uma com *verduras*, ou seja, com imagens de árvores, bosques, florestas ou algo similar. (FBP)

Cristina — Senhora Hortigosa, faça a graça de trazer para mim um fradezinho⁴⁵ pequenino com que eu possa divertir-me.

Hortigosa — Trarei um pintado para a menina.

Cristina — Eu não quero pintado, e sim vivo; vivo, pequenino como umas pérolas!

Dona Lorenza — E se o tio o vir?

Cristina — Direi que é um duende; ele terá medo, e eu me divertirei.

Hortigosa — Deixem comigo. E adeus!

Sai Hortigosa

Cristina — Escuta tia, se a Hortigosa trouxer o galã e meu fradezinho, e se o senhor o vir, não teremos mais saída que agarrá-lo, afogá-lo e jogá-lo no poço ou enterrá-lo na estrebaria.

Dona Lorenza — Do jeito que és, penso que farias até melhor do que dizes.

Cristina — Pois que ele não seja um velho ciumento e nos deixe viver em paz, se não fazemos mal algum e vivemos como umas santas.

Entram Cañizares, o velho, e um amigo seu.

Cañizares — Senhor compadre, senhor compadre: o setentão que se casa com uma moça de quinze, ou carece de entendimento ou tem vontade de visitar o outro mundo o mais rápido possível. Casei-me com Lorenzinha pensando ter nela companhia e mimos, ter uma pessoa que se achasse à minha cabeceira e me fechasse os olhos à hora da minha morte. Mas nem bem me casei, jogou-se sobre mim um turbilhão de trabalhos e inquietações. Tinha casa e procurei casar; estava em repouso e me desposei.

Compadre — Compadre, foi um erro, mas não um grande erro; porque segundo o Apóstolo, é melhor casar que viver abrasado⁴⁶.

⁴⁵ Diminutivo de “fraile”, que, segundo o *Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española* pode significar tanto o “frade” (o religioso), quanto o bagaço das uvas pisadas e o prepúcio. Alguns textos de época sugerem como “frayre” (forma antiga da expressão) um duplo sentido para amante, aquele que sai encoberto e descalço do quarto das senhoras. De acordo com Elvezio Canonica, “Según E. Asensio puede ser ‘ambiguamente, el niño pequeño a quien por devoción visten de fraile, y el duende, al cual en Portugal llamaban fradinho de mão furada y en Italia fraticello’ (ed. cit., p. 208, n.8)”. (FBP)

⁴⁶ Referência ao apóstolo Paulo, autor da Primeira Carta aos Coríntios. O dito citado está em Coríntios I, capítulo VII, versículo IX.(FBP)

Cañizares — É que não havia nada o que abrasar em mim, senhor compadre, que com a menor labareda não se fizesse cinza! Quis companhia, companhia procurei, companhia achei, mas que Deus remedie, por que só Ele pode.

Compadre — Sente ciúmes, senhor compadre?

Cañizares — Do sol que olha para Lorenzinha, do ar que a toca, das saias que roçam sua pele.

Compadre — Ela dá motivo?

Cañizares — Nem penso nisso, nem tem por que, nem como, nem quando, nem por onde: as janelas, além de estarem trancadas, são guarnecidas por grades e gelosias; as portas nunca se abrem; vizinha alguma atravessa a soleira da minha porta e nem a atravessará enquanto Deus me der vida. Veja, compadre: as mulheres não têm ideias más em jubileus, nem em procissões, nem nos atos de festas públicas; é na casa das vizinhas e das amigas que elas vacilam. Uma má amiga encobre mais maldades que a capa da noite; mais ajustes fazem nas suas casas do que numa assembleia.

Compadre — Também penso assim, mas se a senhora Dona Lorenza não sai de casa, nem ninguém entra na sua, o que lhe aborrece, compadre?

Cañizares — É que não passará muito tempo até que Lorenzinha caia no que lhe falta; e isso será cruel, tão cruel que temo, só de pensar, e temendo me desespero, e desesperando-me, vivo com desgosto.

Compadre — E há razão nesse temor, porque as mulheres querem gozar todos os frutos do matrimônio.

Cañizares — A minha os goza... dobrado.

Compadre — Aí está o problema, senhor compadre.

Cañizares — Não, não, nem penso nisso; porque Lorenzinha é mais simples que uma pomba, e, até agora, nada sabe desses palavrórios; e adeus, senhor compadre, pois quero entrar em casa.

Compadre — Entro com o senhor; quero ver a minha senhora, dona Lorenza.

Cañizares — Tem de saber, compadre, que os antigos latinos tinham um ditado que dizia: Amicus usque ad aras, que quer dizer: “Amigos até o altar”; isto é: que um amigo vai fazer

pelo outro tudo aquilo que não seja contra Deus. E eu digo que amigo meu é usque ad portam: até a porta! Pois nenhum amigo há de cruzar a minha soleira. Adeus, senhor compadre, e perdoe-me por isso.

Sai Cañizares

Compadre — Na minha vida, nunca vi homem com tantos pudores, ciúmes e impertinências! Mas este é daqueles que trazem a corda arrastando, e dos que vêm a morrer do mal que temem.

Sai o Compadre
Entram Dona Lorenza e Cristina

Cristina — Tia, o tio está demorando, e, mais ainda, Hortigosa.

Dona Lorenza — Melhor seria se os dois nunca viessem, porque ele me aborrece e ela me deixa confusa.

Cristina — Tudo é questão de provar, senhora tia; e dar de ombros quando não dá certo.

Dona Lorenza — Ai, sobrinha! Nessas coisas, ou sei pouco ou sei que todo o problema está em prová-las.

Cristina — A verdade, senhora tia, é que tens pouca vontade, e que eu, se tivesse sua idade, não me espantaria com homens armados.

Dona Lorenza — Outra vez te digo e direi cem mil vezes que Satanás fala por tua boca. Mas... ai! Como entrou o senhor?

Cristina — Deve ter usado a chave mestra.

Dona Lorenza — Ao diabo com seus cuidados e suas chaves.

Entra Cañizares

Cañizares — Com quem falavas, dona Lorenza?

Dona Lorenza — Falava com Cristininha.

Cañizares — Olha, dona Lorenza...

Dona Lorenza — Estou dizendo que falava com Cristininha. Com quem mais eu haveria de falar? Tenho, por acaso, com quem?

Cañizares — Não queria que tivesses alguma conversa consigo mesma que terminasse em meu prejuízo.

Dona Lorenza — Não entendo esses rodeios nem os quero entender; fiquemos em paz.

Cañizares — Tampouco eu anseio guerra. Mas quem bate à porta com tanta pressa? Olhe quem é, Cristininha, e se for pobre, dê esmola e o mande embora.

Cristina — Quem está aí?

Hortigosa — É a vizinha Hortigosa, senhora Cristina.

Cañizares — Hortigosa e vizinha? Deus esteja comigo! Pergunte o que ela quer e dê, Cristina, com a condição de que ela não atravesse essas soleiras.

Cristina — E o que deseja, senhora vizinha?

Cañizares — O nome de vizinha me atordoa e me assusta; chame-a pelo nome que ela tem, Cristina.

Cristina — Responda: e o que deseja, senhora Hortigosa?

Hortigosa — Quero apresentar minha súplica ao senhor Cañizares, porque a mim se vão a honra, a vida e a alma.

Cañizares — Diga a essa senhora, sobrinha, que para mim tudo isso e mais se irá se ela entrar aqui.

Dona Lorenza — Jesus, mas que condição tão estranha! Não estou eu aqui, diante do senhor? Acaso me irão comer com os olhos? Irão levar-me pelos ares?

Cañizares — Com cem mil demônios! Que entre, já que a senhora o quer.

Cristina — Entre, senhora vizinha.

Cañizares — Para mim, vizinha é um nome fatal!

Entra Hortigosa e traz consigo um guadameci⁴⁷; nas peles das quatro pontas estão pintados Rodamonte, Mandricardo, Rugero e Gradaso⁴⁸; Rodamonte está em relevo.

Hortigosa — Senhor de minha alma, movida e incitada por sua boa fama, por sua grande caridade e suas muitas esmolas, atrevo-me a vir suplicar que me faça o favor, a caridade, a esmola e a boa ação de comprar este guadameci, porque tenho um filho preso por ferir um tapeceiro, e se lhe condena a pagar o cirurgião, para o que não tenho recursos. Meu filho corre perigo, que não se interponham outros embargos, que poderiam ser muitos, pois ele é um danado, e eu queria tirá-lo hoje ou amanhã, se fosse possível, da prisão. A obra é boa, o guadameci é novo e, com tudo isso, dê-me por ele a quantia que quiser pagar, pois, embora seja grande o seu valor, muito já perdi nessa vida e não me importa mais esse prejuízo. Pegue nessa ponta, minha senhora, e estenda-o para que o senhor Cañizares veja que não há engano em minhas palavras; levante mais, minha senhora, e veja como é bom de caimento e como as figuras dos quadros parecem estar vivas.

Ao levantar e mostrar o guadameci, entra um galã por detrás dele; e, como Cañizares vê as pinturas, diz:

Cañizares — Oh, que lindo Rodamonte! O que o senhor faz, escondidinho, em minha casa? Se soubesse o quão pouco amigo sou dessas coisas e desses ardis, o senhor se espantaria.

Cristina — Senhor tio, eu nada sei desses ardis; e se ele entrou em nossa casa é a senhora Hortigosa que tem a culpa. Que o diabo me leve se eu tiver dito ou feito alguma coisa para que ele entrasse. Não, na minha consciência, seria o fim se meu tio jogasse em mim a culpa de sua entrada.

Cañizares — Eu sei, minha sobrinha, que a senhora Hortigosa é que tem a culpa, mas não tenho razão para o espanto, pois ela não sabe de minha condição, nem o quão inimigo sou dessas pinturas.

Dona Lorenza — Ele está falando das pinturas, Cristininha, e não de outra coisa.

Cristina — Mas era isso mesmo que eu dizia. Valha-me, Deus! A alma voltou-me ao corpo, mas já pairava pelos ares.

⁴⁷ Tapeçaria antiga, de couro pintado. (FBP)

⁴⁸ Personagens célebres de romances de cavalaria italianos, especialmente de *Orlando furioso* (1516) de Ludovico Ariosto (1474 — 1533). Rugero é namorado de Bradamante, heroína de *Orlando enamorado* (1483), de Matteo Maria Boiardo (1440 — 1494), e o matador do feroz Mandricardo (filho e sucessor do rei Agricán de Tartaria); Rodamonte é o cruel rei de Argel, morto também pelas mãos de Rugero; Gradaso é outro rei pagão, morto por Orlando.(FBP)

Dona Lorenza — Assim, quase me metes em camisa de onze varas⁴⁹! Quem dorme com criança, acorda molhado.

Cristina — Ai, que desajeitada! Em que perigo poderia eu ter posto esse jogo todo!

Cañizares — Senhora Hortigosa, eu não sou amigo de figuras ocultas nem por ocultar, pegue esse dobrão, com o qual poderá remediar sua necessidade, e vá-se embora da minha casa o mais rápido que puder, e há de ser logo, e leve consigo seu guadameci.

Hortigosa — Que assim como a Matusalém⁵⁰, Deus lhe dê vida longa junto à minha senhora, dona... não sei como se chama, mas me ponho às suas ordens, pois a servirei dia e noite, com a vida e com a alma, pois a dela deve ser como a de uma pombinha.

Cañizares — Senhora Hortigosa, abrevie a conversa e vá-se embora, e não se ponha agora a julgar almas alheias.

Hortigosa — Se vossa mercê precisar de emplastos para as regras, tenho alguns que são milagrosos; e, para dor de dente, conheço palavras que tiram a dor com a mão.

Cañizares — Deixe de papo, senhora Hortigosa, que as regras quem dita sou eu e os dentes de dona Lorenza são saudáveis e inteiros; em sua vida, nunca precisou tirar dente algum.

Hortigosa — Ela há de tirar, com a ajuda de Deus, porque Ele lhe concederá muitos anos, e a velhice é a total destruição da dentadura.

Cañizares — Ai, meu Deus! Será possível que essa vizinha não me vá deixar em paz? Hortigosa, diabo, vizinha, ou o que sejam, vá com Deus e me deixe em minha casa!

Hortigosa — O pedido é justo, e vossa mercê não se aborreça que já vou embora.

Sai Hortigosa

Cañizares — Oh, vizinhas, vizinhas! Escaldado estou ainda pelas boas palavras desta vizinha, apenas por terem saído da boca de uma vizinha.

⁴⁹ “Camisa de onze varas” era a camisola usada por condenados à morte pela inquisição. “Meter-se em camisa de onze varas” quer dizer que alguém está em dificuldades. A vara ou *yard* inglês equivale a um metro e dez centímetros.(FBP)

⁵⁰ Na Bíblia, segundo o Livro do Gênesis, versículo 27, o patriarca Matusalém viveu novecentos e sessenta e nove anos.(FBP)

Dona Lorenza — Pareces bárbaro e selvagem! E o que disse essa vizinha para que ficasses com tal aversão? Todas essas boas ações as praticas em pecado mortal: entregastes a ela duas dezenas de reais acompanhados de outras duas dezenas de injúrias. Boca de lobo, língua de escorpião e depósito de malícias!

Cañizares — Não, não, por mal caminho segue esta conversa. Não pega bem que chegues a tanto por uma vizinha.

Cristina — Senhora tia, entre ali e se acalme. Deixe o tio, que parece estar aborrecido.

Dona Lorenza — Assim será, sobrinha. E dou minha palavra que ele não verá minha cara nestas próximas duas horas, por mais que o tente.

Sai Dona Lorenza

Cristina — Tio, o senhor viu a força com que ela bateu a porta? Não duvido que busque uma tranca para fechá-la.

Dona Lorenza, de dentro

Dona Lorenza — Cristininha? Cristininha?

Cristina — O que quer, tia?

Dona Lorenza — Se soubesses o galã que a sorte me concedeu! Jovem, bem disposto, cabelos pretos e com hálito de mil flores de laranjeira.

Cristina — Jesus! Que loucura! Que criancice! Estás ficando louca, tia?

Dona Lorenza — Não, estou sã; e a verdade é que, se o visses, toda tua alma se alegraria.

Cristina — Jesus! Que loucura! Que criancice! Enfrente-a, tio, para que não se atreva, nem mesmo brincando, a dizer mentiras.

Cañizares — Não faças graça, Lorenza. Não estou com ânimo para sofrer essas gozações.

Dona Lorenza — Não são nada senão verdades, e tão verdades, que neste gênero não poderiam ser maiores.

Cristina — Jesus! Que loucura! Que criancice! E me diz, tia: meu fradezinho também está aí?

Dona Lorenza — Não, Cristina, mas outra vez virá Hortigosa, a vizinha.

Cañizares — Lorenza, dize o que quiseres, mas que não saia da tua boca o nome vizinha, que me tremem as carnes só de escutar.

Dona Lorenza — Também a mim faz tremer, mas de amor pela vizinha.

Cristina — Jesus! Que loucura! Que criancice!

Dona Lorenza — Agora, começo a ver quem és, velho maldito. Até aqui, vivi enganada contigo.

Cristina — Brigue com ela, tio, brigue com ela, tio. É muito descaramento.

Dona Lorenza — Quero lavar as poucas barbas do galã com uma bacia cheia de água dos anjos⁵¹, porque a sua cara é como a de um anjo pintado.

Cristina — Jesus! Que loucura! Que criancice! Acabe com ela, tio.

Cañizares — Não acabarei com ela mas, sim, com a porta que a encobre.

Dona Lorenza — Não tem porquê. Eis a porta aberta, entra e vê como é verdade o que te disse.

Cañizares — Embora eu saiba que estás de gozação, sim, entrarei para te acalmar.

Quando Cañizares faz menção de entrar, elas jogam-lhe uma bacia de água nos olhos. Ele sai para limpar-se.
Cristina e Dona Lorenza juntam-se a ele e, nesse ínterim, o galã sai e vai embora.

Cañizares — Por Deus, Lorenza, por pouco não me cegas! Para o diabo com as gozações que atacam os olhos.

Dona Lorenza — Olha com quem minha sorte me casou, senão é com o homem mais malicioso do mundo! Vê como deu crédito a minhas mentiras, por sua [...], fundadas em matéria de ciúmes, que menosprezada e perseguida seja minha felicidade! Paguem os cabelos as dívidas deste velho; chorem os olhos as culpas deste maldito; vejam o quanto ele valoriza minha honra e reputação, porque das suspeitas faz certezas; das mentiras faz verdades; das gozações faz realidades e dos entretenimentos, maldições. Ai, como me dói a alma!

⁵¹ A “Água dos anjos” era um tipo de perfume cuja composição é apresentada na *Palestra farmacêutica* (1753), obra do boticário madrilenho D. Félix Palacios y Bayá (1677 — 1737).(FBP)

Cristina — Tia, não grites tanto que a vizinhança irá escutar.

De fora, chegam vozes

Justiça — Abram as portas! Abram logo, senão as derrubaremos!

Dona Lorenza — Abra, Cristininha, e que todo mundo saiba da minha inocência e da maldade deste velho.

Cañizares — Meu Deus, e eu que pensava que estavas de gozação! Lorenza, cala-te!

Entram o oficial, e os músicos, o bailarino e Hortigosa.

Oficial — O que é isto? Que briga é esta?

Cañizares — Senhor, não é nada; são brigas de marido e mulher que logo passam.

Músicos — Pelo amor de Deus! Estávamos aqui ao lado, em um casamento, eu e meus companheiros músicos, quando escutamos os gritos e acudimos, assustados, pensando que era outra coisa.

Hortigosa — E eu também, em minha alma pecadora.

Cañizares — Pois a verdade é que, se não fosse pela senhora Hortigosa, não aconteceria nada do que aconteceu.

Hortigosa — Ai, alma infeliz! Sou tão desgraçada que, sem saber como nem por que, recaem sobre mim as culpas daquilo que outros cometem.

Cañizares — Senhores, todos acudiram de boa fé, e eu agradeço; voltem em paz, pois minha esposa e eu já estamos bem.

Dona Lorenza — Em paz eu ficarei quando primeiro pedires perdão à vizinha, caso algo de ruim dela tenhas pensado.

Cañizares — Se tivesse que pedir perdão a todas as vizinhas de quem penso mal, isso nunca iria acabar; mas, com tudo isso, eu peço perdão para a senhora Hortigosa.

Hortigosa — E eu o perdoo.

Músicos — E, em verdade, não havemos de ter vindo em vão: toquem, meus companheiros, e que baile o bailarino e que festejemos as pazes com esta canção.

Cañizares — Senhores, não quero música; façam de conta que já a escutei.

Músicos — Pois ainda que não queira...

*El agua de por San Juan
quita vino y no da pan.
Las riñas de por San Juan
todo el año paz nos dan.
Llover el trigo en las eras,
las viñas estando en cierne,
no hay labrador que gobierne
bien sus cubas y paneras;
mas las riñas más de veras,
si suceden por San Juan
todo el año paz nos dan.*

Dança

*Por la canícula ardiente
está la cólera a punto;
pero, pasando aquel punto,
menos activa se siente.
Y así, el que dice no miente,
que las riñas por San Juan
todo el año paz nos dan.*

Dança

*Las riñas de los casados
como aquesta siempre sean,
para que después se vean,*

*sin pensar regocijados.
Sol que sale tras nublados,
es contento tras afán:
las riñas de por San Juan
todo el año paz nos dan.*⁵²

Cañizares — Pois vejam vocês as revoltas e voltas em que uma vizinha me colocou! Tenho ou não razão de estar de mal com as vizinhas?

Dona Lorenza — Embora meu marido esteja mal com as vizinhas, eu beijo a mão de vocês, senhoras vizinhas.

Cristina — E eu também; mas se minha vizinha tivesse trazido meu fradezinho, eu a teria como a melhor vizinha. E adeus, senhoras vizinhas.

Bibliografia consultada para revisão e notas:

CANONICA, Elvezio. “Los Entremeses de Cervantes como sistema”. In.: *Anales cervantinos*, vol. XLIII, 2011. p. 235.

SCHEVILL, Rodolfo e BONILLA Y SAN MARTÍN, Adolfo. *Obras Completas de Cervantes*. Espanha (Madrid), 1914.

VICENTE, Alonso Zamora. *Presentación a los Entremeses de Miguel de Cervantes*. In.: *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*. Disponível em
<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/presentacin-a-los-entremeses-de-miguel-de-cervantes-o/html/ff6ffaf8-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html> Acesso em: 5 jan. 2018.

⁵² Possível referência ao período das festas para São João, no mês de junho. Festividades nesse período são registradas no hemisfério norte desde a antiguidade, e aconteciam durante o solstício de verão. Na edição de 1914 das *Obras Completas* de Cervantes, Rodolfo Schevill e Adolfo Bonilla, os organizadores, registram variações sobre esses versos e indicam uma data que pode estar relacionada ao momento em que se passa o entremez: “En cambio, dice otro refrán: ‘Agua de mayo, pan para todo el año’; y otro: ‘San Julián guarda vino y guarda pan’, San Juan (Bautista) cae el 24 de junio”.(FBP)